

Teresa Joaquim

AS CAUSAS DAS MULHERES
a comunidade infigurável



Título:
As Causas das Mulheres.
A comunidade infigurável

Autora:
Teresa Joaquim

Revisão:
João Vidigal

Capa:
Carlos Vieira Reis



© Livros Horizonte, 2006

ISBN 972-24-1356-2

Paginação/Fotolito:
Gráfica 99

Impressão:
Rolo & Filhos II, S.A.

Janeiro 2006

Dep. Legal n.º 218921/04



Reservados todos os direitos de publicação
total ou parcial para a língua portuguesa por
LIVROS HORIZONTE, LDA.
Rua das Chagas, 17-1.º Dt.º - 1200-106 LISBOA
E-mail: livroshorizonte@mail.telepac.pt

ÍNDICE

PRELÚDIO	9
* 1. A COMUNIDADE INFIGURÁVEL	15
2. FEITICEIRAS.....	28
* 3. "A RESTANTE VIDA"	30
* 4. "CAUSA AMANTE": A OUTRA FACE	35
5. CAMILLE CLAUDEL	39
6. FEMININO SEM MULHER? (POLÊMICA COM ANTÓNIO GUERREIRO)	44
* 7. LUCE IRIGARAY: MULHER, CORPO, PENSAMENTO	50
8. MENINA E MOÇA	55
9. MENINA E MOÇA. COMO SE FABRICA UM TEXTO	64
10. A (IM)POSSIBILIDADE DE SER FILÓSOFA	68
11. CRIAÇÃO DE HUMANOS E/OU DE CONCEITOS A QUESTÃO DA MATERNIDADE NO <i>SEGUNDO SEXO</i>	87
12. OS ESTUDOS SOBRE AS MULHERES EM FILOSOFIA	110
BIBLIOGRAFIA	143

A COMUNIDADE INFIGURÁVEL
AS CAUSAS DAS MULHERES

*Para Elina Guimarães
pela sua ironia inteligente
pela sua companhia*

Toca o telefone e fico suspensa deste convite para hoje estar aqui. Fico suspensa desta situação inusitada, como se se tivessem produzido dois movimentos contraditórios em mim: um que me faz vacilar e que tem a ver com a situação e o seu cenário,

o estar aqui hoje,
enfrentar pessoas
numa voz pública.

Movimento de recuo.

O outro movimento foi o afluir em mim de nomes de mulheres do passado e do presente em Portugal,

como se elas me empurrassem,
me suportassem,
me fizessem companhia
neste estar aqui hoje.

Nesta situação, dizer pois palavras e gestos que me vieram delas e que vão para outras. E sei que elas estão hoje aqui presentes, até porque se estas mulheres cujos nomes logo me ocorreram não se tivessem batido por causas, hoje não estaríamos certamente aqui reunidas, neste cenário a que dou importância do ponto de vista formal e simbólico.

Gosto da ideia do filósofo Jacques Rancière de uma comunidade infigurável.

“É muito mais paradoxalmente o real que é o lugar do acontecimento: o dos pontos de clivagem e dos casos singulares em que uma identidade é posta em

questão, cenas de enunciação em que os sujeitos se constituem entre uma identidade rejeitada e uma outra identidade afirmada. É o próprio real da produção deste 'nós, as mulheres' pela qual algumas, a partir do 'écart', do desvio singular que lhes fez tomar a palavra, desenham uma comunidade ainda infigurável, aberta e oferta ao risco das outras singularidades que aí irão inscrever a sua palavra, o seu acto, o seu desvio produtor de comunidade" (Rancière, 1993: 54).

Ideia de comunidade que está no cerne da democracia, de algo onde nos fazemos companhia, no sentido etimológico "do que toma pão com", alimento essencial e central de qualquer comunidade humana. Neste sentido, gostaria de agradecer este convite que muito me honra, já que hoje as mulheres que invocamos e que aqui homenageamos, penso que todas elas foram e são atravessadas por esta ideia de comunidade, nesse sentido primordial daquilo que é próprio do humano, que lhe dá a forma, a dignidade do que é humano.

A COMUNIDADE "NÓS, AS MULHERES"

Talvez que estar hoje aqui, no 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, a repetir o comemorar de gestos, de ausências, de sofrimentos, de acontecimentos que introduzem pequenas clivagens no real, na legislação, clivagens que foram elas próprias criadoras de comunidade, desta comunidade "nós, as mulheres", talvez que o 8 de Março seja também essa imagem de uma mulher no princípio do século, com um pequeno cartaz reclamando direito de voto: esse, um gesto. Ou Carolina Beatriz Ângelo, viúva e mãe, votando em 1912, utilizando a própria noção de chefe de família, utilizando a letra da lei mas indo contra o espírito da mesma, lei que rapidamente foi alterada.

Outro gesto: "a trabalho igual, salário igual" (em Portugal, 1969).

Outro gesto: o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e a sua exposição, em 1948, de livros escritos por mulheres, encerrado, claro.

Outro gesto: as *Novas Cartas Portuguesas*, em 1972, de Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta, proibidas e levadas as suas autoras a tribunal. Num país que Sophia dizia:

"E eu tenho de partir para saber
quem sou, para saber qual é o nome
do profundo existir que me consome
neste país de névoa e de não ser" (*Há cidades acesas*).

Gestos que ao longo dos tempos foram produzindo um pequeno desvio desse real demasiado autoritário, formal.

Desses gestos, o que recolhemos?

Maria Lamas vai percorrer o Portugal para saber como vivem *As Mulheres do meu País*; publicada em 1948, essa obra belíssima. *As Novas Cartas Portuguesas*, publicadas em 1972, data sobre a qual já se passaram 28 anos quase em silêncio, sem história, sem questionamento.

ESSES GESTOS, ONDE OS RECOLHEMOS?

Essa comunidade infigurável, cujo trajecto é tão difícil de pronunciar em português, já que esse novo movimento social, ou essa nova configuração social que é o feminismo, também é ele marcado por um sonho de justiça. Esse cartaz do princípio do século reclamando o direito de voto faz parte desses sonhos de justiça que banharam os primórdios deste século:

“O feminismo [...] é um texto que se desenvolve, não uma tese. É uma linha melódica, não uma marcha militar. É uma inspiração, a inspiração de um sopro.” (Collin, 1994: 149). É nesta perspectiva que aqui utilizamos feminismo: “O feminismo é o primeiro movimento a colocar a questão política por excelência, a da ausência de direitos num Estado de direito. Falar da definição política do feminismo [...] é reivindicar e realizar a abertura de um espaço público, de um mundo comum – espaço público e mundo comum das mulheres, mas também o acesso ao mundo comum em sentido lato. O feminismo é o direito à palavra política e a coragem da palavra pública” (Collin, 1986: 21).

Sonhos de justiça do princípio deste século que nós hoje ainda estamos a pensar que formas tiveram eles? que formas outras poderiam ter tomado? que desejos, que utopias de transformar o mundo? de o habitar? de o cuidar?

“Somos herdeiras sem herança” (Fr. Collin) desse desejo recalcado de milhões de iletradas no passado e na actualidade que não tiveram acesso à leitura, ao conhecimento. O espanto que foi poder publicar um texto de mulher no séc. XVIII e ter que se desculpar aos leitores

“lembra-te que he de mulher”

(Theresa Margarida da Silva Horta, 1752, prólogo).

Ou ainda o espanto do primeiro auto-retrato feminino de Aurélia de Souza no final do século XIX português.

Ou ainda nos primórdios do século XX a teórica e militante feminista Ana de Castro Osório, em 1912, dizer em Portugal:

“ser feminista é apenas ser justo e ser lógico.”

Onde recolhemos hoje estes pequenos gestos e afirmações, que fazemos nós deles neste quotidiano, a correr. Difícil falar hoje, aqui, em Portugal – e sempre o foi certamente – e Elina Guimarães bem o sabia, que desmontava essa resistência à mudança brincando ironicamente com os argumentos masculinos.

“O que queremos nós para a mulher? Muito simplesmente isto: o pleno desenvolvimento da sua personalidade. Que criança, ela seja instruída, que adulta, ela possa exercer a sua actividade de harmonia com as suas aptidões sem que o ensino lhe seja negado ou o seu campo de acção cerceado apenas porque é mulher. (...) Às reivindicações das feministas opõem os seus adversários um conselho irónico, sempre o mesmo: que vão coser meias. Nós não nos recusamos a coser meias: Mas para único fim da nossa vida, achamos pouco. Que diriam os homens se o consertar calçado lhes fosse indicado como única missão na terra?” (Elina Guimarães, [1928], cit. por R. T. da Silva, 1982: 20).

Todos estes gestos produziram pequenas falhas, clivagens no discurso, retomando o mesmo discurso e dando-lhe novas orientações: foi assim que fizeram as feministas no princípio do século XX, foi assim que fizeram estas mulheres que hoje aqui se encontram.

Hoje, onde recolhemos nós esses gestos, neste “país de névoa e de não ser” (Sophia), em que Irene Lisboa se descrevia

“Leio o que tenho escrito
e vêm-me destes pensamentos:
de que tempo sou?
onde vivo?
que valor têm para mim as palavras?”

Escrevo,
escrevo...
para me enganar
positivamente
para me entreter!
[...]
E eu entretenho-me com elas
[...]
distingo-as,
separo-as,
arrumo-as,
limpo-as” (*Outro dia*)

Se fizemos este trabalho de genealogia, e nela aparecem mulheres, encontros, obras ainda que esquecidas, que puderam deixar traços, marcas, nomes, é porque elas puderam deixar traços, marcas, nomes; mas o que dizer, por exemplo, de tantas outras – sem nome e sem rosto – anônimas, marginais, esquecidas, como por exemplo as presas políticas do Estado Novo: onde estão as histórias das suas causas? que contam elas da separação, do encontro, dos conflitos? também elas sofreram a clandestinidade, o desemprego, a falta de ternura, a ausência dos filhos, onde estão elas, ou mesmo as mulheres dos presos políticos, a sua memória?

Ou ainda, outro tão grande exemplo, essas mães e avós da Praça de Maio na Argentina, que a partir desse *lugar* central atribuído às mulheres – a maternidade – apareceram de forma tão exemplar a dar-lhe outra voz que obrigou a uma reflexão política, ética pois claro, da sociedade argentina, questionando-a nas suas bases morais, no modo como podiam prosseguir no ocultamento dos seus filhos, segundo Laura Rossi:

“o que estava vedado a Antígona – viver politicamente a morte do seu irmão – é o que constitui as Mães [da Praça de Maio] como movimento social” (cit. in Rosenberg, 1998: 262). “Os filhos cuja aparição com vida reclamam, não só já reclamados enquanto filhos da sua carne, mas enquanto membros da sua comunidade social e política” (Rosenberg: 1996, 281).

Ou ainda os rostos e lágrimas tão recentes das mulheres timorenses violadas simplesmente por serem mulheres, ou como esposas ou mães de resistentes. Mulheres ainda hoje utilizadas como despojos de guerra, ainda há pouco tempo nesta Europa, como alertou a Amnistia Internacional num *Relatório sobre Mulheres e Direitos Humanos*:

“Todos os dias há mais mortes de mulheres e raparigas vítimas de várias formas de discriminação com base no sexo, do que as causadas por qualquer outro tipo de abuso de Direitos humanos” (1995: 1993, 12).

Que, neste quadro, a nível mundial, elas continuem a dar vida, como de forma tão dramática, tão terrível e tão cheia de esperança, nasceu Rosita em Moçambique, como que a lembrar esse texto belíssimo *Morte e Vida Severina*: Que elas continuem a dar vida, a cuidar da vida, a cuidar dos vulneráveis, é uma enorme razão de esperança, que mereceria mais respeito, quero dizer simplesmente mais dignidade humana.

São todas elas mulheres, com nome ou anônimas, com rosto ou sem rosto,

“sujeitos precários que inscrevem na superfície da ordem ancestral a virtualidade de uma comunidade outra” (Rancière: 1993, 55),

comunidade outra que é feita de causas muitas vezes sem rosto, ou de rostos que incarnam e que transformam causas sem que se lhes dê um lugar visível, público.

AS QUE SUSTENTAM O MUNDO E O ALIMENTAM

E no entanto, estas causas, estes rostos que dão voz a causas na sua invisibilidade, são eles certamente que sustentam o mundo e o alimentam. Algo de certamente frágil mas não, de modo nenhum, débil nem fraco, no sentido em que Nietzsche falou “dos grandes pensadores que têm uma saúde frágil”, que são percorridos por intensidades pulsionais que produziram um outro olhar, deslocaram o olhar. Retraçar pois a genealogia destes gestos, destas causas, é também um modo de deslocar o olhar e de dar a ver o que o poder em áreas diversas, na política, no mundo económico, na cultura, e nomeadamente os meios de comunicação social – como estudos recentes em França (*Le Monde*, 25.02.2000) mostraram da distância entre estes e os problemas quotidianos vividos pelas mulheres que, deste modo, recalçam, não vêem, não deixam ver as imagens dessa comunidade, política certamente, porque nela se constroem e desconstroem modos de viver, de habitar, de cuidar.

Traçar um percurso de gestos, palavras, actos, é poder saber que a comunidade existiu e poder afirmar “a comunidade que vem” (Agamben), de certo modo fazer uma história da vida pública

“que não seja a do Estado, mas as das formas e das possibilidades de aparição de sujeitos sobre uma cena de comunidade; *uma história do visível comum* e do combate pela visibilidade, uma história dos olhares e não das representações” (Rancière, 1993: 61).

Ora, se me é permitido, gostaria de referir os Estudos sobre as Mulheres (denominação esta que faz parte de um percurso histórico que deve ser integrado no contexto do desenvolvimento das Ciências Sociais e do feminismo em Portugal), Estudos sobre as Mulheres em que se inscreve este trabalho de “aparição de sujeitos sobre uma cena de comunidade”, feito de modo diverso nas diferentes áreas das Ciências Sociais.

Eles têm tentado dar rosto, dar voz, a estes rostos anónimos, a essas causas sem rosto gerando uma polifonia de vozes, de modos de dizer, de modos de fazer.

Trabalho teórico que requer rigor e precisão, cuidado como quem vela sobre o modo como se constrói o conhecimento ou:

quem estamos nós hoje a excluir,
a deixar de fora,
a não ver,

que gestos teóricos repetimos nós, hoje, para além de distinguir, separar, arrumar, limpar as palavras, como Irene Lisboa... E também criar com elas uma pluralidade de textos, incluir o que foi excluído, dizer o inédito no que se diz, inovação que é própria da criação, que Simone de Beauvoir opunha à repetição infinda das tarefas que as mulheres realizam, que ela considerava sem criação, sem inovação.

Trabalho que requer uma atenção ainda mais necessária neste século XX marcado pela “banalidade do mal”, nas palavras de Hannah Arendt, que nunca deixou de se interrogar:

“como é que isto foi possível?” (Collin, 1999: 45),

questão que se tornou a tarefa da sua vida:

“tentar compreender para fazer face ao futuro” (idem: 46);
e “o essencial para mim é compreender. [...] O que eu quero é compreender e quando outras pessoas compreendem elas também, eu sinto então uma satisfação comparável ao sentimento de quando nos reencontramos numa terra familiar” (Arendt, *La tradition cachée*, [1948], 1987: 224-225).

Século XX também marcado, nas suas últimas décadas, por uma transformação radical da diferença entre homens e mulheres. Diferença produtora de desigualdades e de exclusões ao longo dos séculos, já que lida numa “natureza imutável”. Assim, estes finais do século foram marcados, não só por uma transformação teórica – a redefinição de um e do outro sexo, do masculino e do feminino, da sua multiplicidade – mas também pelas suas implicações políticas – novas possibilidades de as mulheres serem, viverem, ocuparem novos lugares, tanto a nível privado como público (Collin, 1999). Foram estas mudanças que marcaram certamente as vidas das jovens de hoje, herdeiras que são do que é próprio da vida e da tradição feminina e também do que esteve até há pouco reservado aos homens: herdeiras do privado e do público, para os quais terão de inventar uma nova articulação (enquanto que os rapazes permanecem ainda encerrados na sua tradição masculina).

OUTRAS FORMAS DE MASCULINIDADE...

Hoje, em Portugal, tendo em conta as transformações a que atrás aludi e as suas implicações a nível teórico e sobretudo político, seria necessário

interrogar o porquê desta dificuldade de pronunciar em português, em Portugal, esse percurso, esse trajecto do novo movimento social que é o feminismo como se ele agisse mais sob a forma de fantasma na sociedade portuguesa do que na transformação real e simbólica das relações entre homens e mulheres, como se tudo já tivesse sido sem nunca ter acontecido de facto. Em cada situação, em cada oportunidade, em cada remodelação do governo: as palavras gastas, sem inovação, repetem-se.

O que nos leva a questionar porque é que, apesar de todas as mudanças que se verificaram em Portugal nos últimos 25 anos, permanece a resistência masculina nas práticas quotidianas a esse cuidar dos outros, nomeadamente na vivência da paternidade, nos espaços públicos e privados, na vida política como na vida familiar, que tem efeitos tanto na vida quotidiana da comunidade, na sua materialidade, como, a nível simbólico, na marginalidade e desvalorização das mulheres. Um exemplo paradigmático desse passar ao lado, deste agir sob a forma de fantasma, foi a discussão sobre a despenalização da interrupção voluntária da gravidez (1998), em que, no tipo de discursos produzidos, se assistiu a uma espécie de bloqueio e de cristalização dos argumentos, ao que chamei o “silêncio da maternidade”, o não se levar a sério essa ética do cuidado, essa duração única que leva um ser humano a tornar-se gente, a tornar-se um adulto capaz de criar por sua vez outros seres; esses bloqueio e cristalização são sintomáticos da sociedade portuguesa, do seu impensado, de talvez lhe ser ainda impossível a multiplicidade de movimentos sociais que caracterizam a modernidade. De lembrar aqui que este continente negro da maternidade irrompeu de modo forte na obra da pintora Paula Rego, como a afirmar o que colectivamente ainda não conseguimos dizer.

Ou de outro modo, citando Danielle Ardaillon,

“[...] tantos direitos [...] reconhecidos em princípio pelo Estado, e a praxis da vida das cidadãs que de facto não conseguem fazer valer os seus direitos individuais como pessoas cujo corpo é dito inviolável:
seja o direito a não serem espancadas pelos maridos,
o direito a não serem violadas,
o direito a não serem contaminadas pelo HIV nas suas próprias casas” (1997: 385).

Já que os direitos reprodutivos constituem, neles próprios, o alargamento de um direito civil fundamental, o da definição do seu próprio corpo, esse corpo que, pela dignidade que lhe é devida enquanto ser humano, é dito inviolável.

E não posso deixar passar em silêncio a taxa elevada de mães adolescentes em Portugal (7,1% do total em 1996).

Nem a falta de equipamentos colectivos: creches, jardins de infância, apesar da melhoria verificada ultimamente.

Nem as condições de exercício da maternidade a nível do trabalho:

- os despedimentos por gravidez,
- a gravidez não vigiada por precarização do emprego,
- a perda de prémios de assiduidade,
- a não concessão de tempo para amamentar nem o subsídio respectivo,
- as suas incidências na progressão na carreira.

Como se as empresas fossem alheias a que nasçam ou não crianças em Portugal.

Ainda não é a sociedade portuguesa capaz de assegurar as condições de informação sobre a gravidez e a maternidade nem, em termos de políticas sociais, de fornecer apoios efectivos de modo a que ter filhos em Portugal não signifique um factor de discriminação social mas a possibilidade, o risco de inventar uma sociedade mais solidária que sabe acolher o "novo", que sabe praticar a hospitalidade. Neste "novo" gostaria de referir o surgimento de outras formas de masculinidade, outras imagens do masculino que permitem a sua abertura para os cuidados dos outros e também uma outra compreensão das implicações no quotidiano desse trabalho de criar humanos. E a hospitalidade também se pode dirigir a outros grupos de mulheres como as imigrantes, a que a Conferência do Cairo se referiu no 12.º princípio: "[...] os países deverão garantir a todos os imigrantes os direitos humanos fundamentais que integram a Declaração Universal dos Direitos Humanos".

INITIUM: QUE DÁ INICIATIVA

Retomando perguntas iniciais. Onde recolhemos nós esses gestos? dessas mulheres com nome e anónimas, das suas causas a nível cívico e político, pelos direitos das mulheres, das crianças, contra diversas formas de exclusão, pela qualidade de vida, pela obtenção de equipamentos colectivos, pela poetização dos espaços e dos lugares, onde recolhemos nós esses desejos, "entre uma identidade rejeitada e uma outra identidade afirmada"? Ou, como disse M.^a Velho da Costa (1976: 138) nesse texto em que vivem esses movimentos de mulheres do pós-25 de Abril:

"Elas iam e não sabiam para onde iam, mas que iam".

Se retomo o fio das questões, destas interrogações, é porque não vou (nem o quis) traçar o percurso das mulheres numa democracia. As suas mudanças a nível da escolarização, da entrada nas carreiras até aí interdi-

tas, de participação no mercado de trabalho, porque esses dados são sobejamente conhecidos. E no entanto, hoje, aqui, desfiando o tema desta sessão – as causas pelas quais as mulheres têm lutado – que tentei dizer no passado e no presente, afirmei que todas elas se inscrevem na ideia de uma comunidade que, para Hannah Arendt se baseia na ideia de natalidade, que ela diz deste modo belíssimo:

“Cada humano é único, de modo que em cada nascimento algo de unicamente novo acontece ao mundo... Porque eles são *initium*, recém-nascidos e inovadores em razão do seu nascimento, os humanos tomam iniciativas, são levados à acção. Nascer é aparecer pela primeira vez e qualquer acto de aparecer em público para fazer parte da colectividade humana é a comemoração deste acto originário. [...] Nascer é afirmar a sua presença, de ser que fala e age na comunidade”.

Mas ela sabia que nem todas/os tinham o mesmo lugar na cidade, no espaço do aparecer na *polis*. Diz ela:

[...] o termo exclusão não é sem dúvida completamente adequado para designar a condição do que não está completamente fora mas que, dentro e sob todas as aparências da integração, é no entanto marcado pela estranheza” (in Collin, 1986: 59-60).

Esta situação descrita por H. Arendt é a própria de muitos grupos sociais na sociedade em que vivemos, como se se desse um processo de desafiliação, de perda de laços sociais, já que a filiação é feita predominantemente pelo emprego. Situação que se pode constatar em relação às mulheres, não só a partir de dados estatísticos, como das afirmações proferidas nas últimas Conferências Internacionais sobre Ambiente e Desenvolvimento (Rio de Janeiro, 1992), sobre Direitos Humanos (Viena, 1993), sobre População e Desenvolvimento (Cairo, 1994), Conferência Mundial sobre as Mulheres (Pequim, 1995). Como se em todas elas se afirmasse que, a níveis diversos, “sob todas as aparências da integração, é algo marcado pela estranheza”, algo que não tem lugar na sociedade e que, no entanto, sem as mulheres não há desenvolvimento sustentável, não há qualidade de vida, não há mundo habitado.

Sei também que este grau de estranheza ou de exclusão é variável, consoante os grupos de mulheres, a classe social, a etnia, etc. Como diz bem o poema de Ana Luísa Amaral:

“Enternece-me pensar que estás aí,
não força de trabalho desigual
nem vida à pressa
mas minha amiga.

Talvez as palavras que te digo
me transpareçam classe,
talvez nem te devesse dizer nada.
Porque és a mão que ampara o meu silêncio,
a minha filha, o meu cansaço
– à custa do teu cansaço, da tua filha, do teu silêncio.

Não há homens-a-dias neste mundo
mas tantas como tu.

[...]

Entraste há pouco a perguntar
se eu tinha febre
– a louça por lavar nas tuas mãos,
aspirando o cansaço dos meus ombros,
nos teus ombros o cansaço de mim
e o cansaço de ti

[...]

(Desculpa-me a ternura).

CUIDAR O FUTURO

Colocar nos ombros o cansaço das outras no cansaço de si, esta tarefa inacabada do cuidar cuja etimologia me espanta (a mim que o espanto dirigiu para a filosofia):

- agitar no espírito
- resolver no pensamento
- pensar
- meditar, projectar

Gosto desta hesitação, deste balbuciar de algo que se agita no espírito, que se pensa e se projecta, como uma carta de marear, um cuidado que implica também prudência, inquietação, preocupar-se com... aliando nele inteligência e afecto, implicando não só cuidado pelo que é presente mas pelo que é futuro – cuidar o futuro, expressão cara a Maria de Lourdes Pintasilgo, a quem devemos também essa atenção pelo cuidado do futuro, a que muitos chamam utopia, ou de outro modo:

“no deserto cuidar/que alguma flor persista” (Ana Luísa Amaral).

Cuidar o futuro implica responsabilidade pelo que vem, pelos vindouros – que não são só os humanos, mas também os animais, as plantas, o mundo em sentido lato. Ou seja, que

“o sentido da responsabilidade coincide com o da liberdade. Se nada pode ser garantido, é urgente elaborar planos de navegação para partir e compreender” (F. Gil, 2000: 29).

Este cuidar do futuro faz-se em práticas quotidianas sempre inacabadas que constituíram em grande parte a socialização das raparigas e das mulheres ao longo dos séculos, que foram para elas também os seus planos de navegação: artes de viver e de morrer. O próprio dessas artes de fazer, desses saberes que constituem o essencial à vida humana, é o seu carácter inacabado – saciou-se a fome do almoço e logo vem a do jantar, lavaram-se roupas, louças, e logo se sujam e voltam a ter que ser lavadas – e por isso nunca foram valorizadas a nível pessoal e muito menos tidas em conta a nível político (ou integradas nas políticas sociais), são uma espécie de fundo perdido, de pura perda, esse trabalho que constitui em grande parte o [domínio] do dom das nossas sociedades. O dom, as suas práticas no seu inacabamento, vão para além das redes de entreajuda, das teias de suporte que elas constituem onde passam os fios do tecido social numa sociedade providência, é algo que excede, que vai para além do que pode ser contabilizado por uma sociedade centrada sobre o mercado: mas estas devem também serem tidas em conta, mesmo se a sua marca, o seu estilo, é o excesso, que marcam uma obra de arte
um grande amor
uma criança que nasce

o novo que não se sabe donde vem. É a busca de sentido em formas múltiplas. É certamente frágil, é certamente o lugar da afirmação do que nos faz viver. É essa falha, pequena diferença, singularidade que o novo introduz. Hoje, quando as grandes teorias de transformação do mundo, pouco a pouco, se esvaíram, mas não completamente porque no tempo perduraram as marcas que esses sonhos de justiça deixaram – e que tantas vezes se realizaram de modo injusto.

Hoje, como diz o filósofo Fernando Gil num interessante texto, curiosamente denominado “os inventores do futuro”:

“O destino do homem [que me permito mudar para ser humano] é a incerteza, e portanto, também a esperança: é isso que o nosso presente nos obriga a compreender. [...] É-nos dado o inacabamento como *élan* e como matéria de invenção de todos e dos futuros que nos aguardam. Tal é o modo das utopias que falta conceber e este não é o menor” (2000: 27, 29).

Modo de conceber que afirma a positividade do inacabamento e a que eu não posso deixar de dar (provavelmente) um sentido diferente, de introduzir um desvio nesta afirmação, já que o registo do inacabamento aqui enun-

ciado é outro e foi ele que fez as vidas destas mulheres que hoje homenageamos. No entanto, este inacabamento significou para estas mulheres muitas vezes (ou quase sempre)

invisibilidade
desvalorização
marginalidade
sofrimento

e também alegria, certamente, pelo que se fez bem como quem cumpre um destino. Como se este inacabamento e a desvalorização que lhe esteve (e ainda está) associada as impedisse de aceder ao mundo comum, em que alguém

“afirma a sua presença de ser que fala e age na comunidade”.

Para concluir, o que quisemos de modo afirmativo dizer é que o inacabamento é necessário à própria democracia – mesmo se sempre de forma precária – para que ela se realize. A democracia precisa destas causas, destas lutas, destas pessoas que foram capazes de dar a cara, de olhar, de não serem omissas face à realidade que lhes foi destinada.

Talvez que no cerne da reflexão sobre a democracia e a aprendizagem da cidadania se encontre este trabalho

de incluir o que está excluído
o inédito no dito

e sempre o que vem de novo, no sentido de um *initium*, já que

“até nos tempos mais sombrios temos o direito de esperar ver alguma luz, e é bem possível que essa luz não venha tanto das teorias e dos conceitos, como da chama incerta, vacilante, e muitas vezes ténue, que alguns homens e mulheres conseguem alimentar em quase todas as circunstâncias e projectar em todo o tempo que lhes foi dado viver neste mundo [...]” (Arendt, *Homens em tempos sombrios*: 1991, 9-10).

Colares/S. Pedro de Moel
7 de Março de 2000

BIBLIOGRAFIA

- Actas do Colóquio *A Mulher na Sociedade Portuguesa: Visão histórica e perspectivas actuais (20-22 Março 1985)*, (1986), 2 vol., Coimbra.
- Actas do Seminário *A Mulher e o Ensino Superior, a Investigação Científica e as Novas Tecnologias em Portugal* (1987), Cadernos C. C. Feminina, n.º 21.
- Almeida, Miguel Vale de (1995), *Senhores de Si, Uma interpretação antropológica da Masculinidade*, Fim de Século.
- Almeida, Miguel Vale de (org.) (1996), *Corpo presente, Treze reflexões antropológicas sobre o corpo*, Celta.
- Alves, M. Valente, e Barbosa, A. (org.) (2000), *O Corpo na Era digital*, Dep. Educação Médica da Faculdade de Medicina de Lisboa.
- Amâncio, Lígia (1994), "Género: representações e identidades", in *Sociologia – Problemas e práticas*, n.º 14, pp. 127-140.
- Amâncio, Lígia (1994), *Masculino e Feminino. A Construção social da Diferença*, Afrontamento.
- Amâncio, Lígia e Ávila, Patrícia (1995), "Género e Ciência", in Jesuíno, J. C. (org.), *A Comunidade Científica Portuguesa nos finais do século XX*, Celta, pp. 135-162.
- Amâncio, Lígia (coord.) (2001), *Sexo e Género, Psicologia*, vol. XV, n.º 1.
- Amorós, Celia (1985), *Hacia una crítica de la razón patriarcal*, Anthropos.
- Amorós, Celia (1997), *Tiempo de feminismo. Sobre feminismo, proyecto ilustrado y postmodernidad*, Cátedra.
- André, Isabel M. (1993), *O Falso Neutro em Geografia Humana. Género e Relação Patriarcal no Emprego e no Trabalho Doméstico*, dissert. doutoramento, Faculdade de Letras de Lisboa.
- Araújo, Helena Costa (2000), *Pioneiras na educação: as professoras primárias na viragem do século, contextos, percursos e experiências, 1870-1933*, IEE.
- Ardaillon, Danielle (1997), *Cidadania de corpo inteiro, Discursos sobre o aborto em número e género*, Tese de doutorado, U. S. Paulo.
- Arendt, Hannah [1976] (1987), *La tradition cachée. Le Juif comme paria*, trad. S. Courtine-Denamy, Christian Bourgeois ed.
- Arendt, Hannah (1991), *Homens em tempos sombrios*, tr. A. L. Faria, Relógio d'Água.
- Auffret, Séverine (1987), *Mélanippe la Philosophe. Trilogie*, Ed. des Femmes.
- Barreira, Cecília (1993), *História das nossas Avós*, Círculo de Leitores.
- Beauvoir, Simone de [1949¹] (1977), *Le Deuxième Sexe I*, Gallimard, Idées.
- Beauvoir, Simone de, [1949¹] (1999), *Le Deuxième Sexe II*, Gallimard, Folio-essais.
- Beleza, M.^a Teresa (1990), *Mulheres, Direito, Crime ou A Perplexidade de Cassandra*, AACDLL.
- Belo, Fernando (1983), "Quando Masculino/Feminino não coincide com Homem/Mulher", *Jornal de Letras*, n.º 77, 27 de Dezembro.
- Belo, Fernando (1984), "As guerras (e os amores) dos homens e das mulheres", in J. Mozzicafredo (org.), *Os Caminhos da Liberdade: da idade da razão à idade da revolta, discussões sobre a política e a cultura no pós 25 de Abril*, Espaço-tempo, pp. 163-172.

- Belo, Fernando (1987), "Luce Irigaray: este sexo que não é um/uno", in *Linguagem e Filosofia, algumas questões para hoje*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 229-240.
- Belo, Fernando (1989), "Feminino/Masculino, Dispositivos em metamorfose", in *As Mulheres, a Identidade Cultural e a Defesa Nacional, Actas do Seminário de 5-7 Abril 1989*, Cadernos Condição Feminina, n.º 29, pp. 33-36.
- Belo, Fernando (1995), "Sexo e Género: que relação?", in *Universidade de Verão, Actas, Em busca duma Pedagogia da Igualdade*, C.I.D.M. e SUENS da Univ. de Palencia, CIDM, pp. 249-265.
- Belo, Fernando (2001), "Mulher e Homem, Casa e Alma, Luce Irigaray e Platão", in Ferreira, L. R. (org.), *Também há mulheres filósofas*, Caminho, pp. 187-204.
- Bourdieu, Pierre (1990), "La domination masculine", in *Masculin/Féminin, Actes de Recherche en Sciences Sociales*, n.º 84, pp. 4-31.
- Bourdieu, Pierre (1998), *La domination masculine*, Seuil.
- Braidotti, Rosi (1990), "Théorie des études féministes: quelques expériences contemporaines en Europe", in *Savoir et différence des sexes, Cahiers du Grif*, n.º 45, pp. 29-50.
- Brasão, Inês (1998), *Dons e Disciplinas do Corpo feminino nos discursos sobre o corpo na história do Estado Novo*, ed. ONGCCCCICM.
- Butler, Judith (1990), *Gender Trouble. Feminism and the subversion of Identity*, Routledge.
- Buttafuoco, Annarita (1990), "Historia y memoria de sí. Feminismo e investigación histórica en Italia", in Colaizzi (org.), pp. 45-85.
- Cabral, João Pina (1984), "As mulheres, a maternidade e a posse da terra no Alto Minho" in *Análise Social*, n.º 80, 1984-10, pp. 97-112.
- Cabral, João Pina (1989), *Filhos de Adão, filhas de Eva – a visão do mundo camponesa no Alto Minho*, D. Quixote.
- Cahiers du Grif*, n.º 46 (1992), *Provenances de la Pensée, Femmes/Philosophie, Printemps 92*, Tierce.
- Campos, Luís E. M. (1989), *A Mulher em textos e contextos. Um recenseamento bibliográfico, tematicamente indexado, sobre publicações periódicas portuguesas (1974-1988)*, Cadernos Condição Feminina, n.º 26.
- Camps, Victoria (1993), *Virtudes públicas*, Espasa Calpe.
- Camps, Victoria (1998), *El siglo de las mujeres*, Cátedra.
- Carvalho, Maria Amália Vaz de (1880), *Mulheres e crianças – notas sobre educação*, Porto, Joaquim Antunes Leitão & Irmão.
- Casado, Elena (1999a), "Cyborgs, nómadas, mestizas... Astucias metafóricas de la praxis feminista" in Gatti, G. y Martinez, I., *Las astucias da identidad. Figuras, territorios y estrategias de lo social contemporáneo*, ed. Univ. Pais Vasco, pp. 41-59.
- Casado, Elena (1999b), "A vueltas com el sujeto del feminismo", *Política y Sociedad*, n.º 30, pp. 73-91.
- Certeau, Michel de (1980), *L'invention du quotidien. I – Arts de Faire*, U.G.E., 10/18.
- Chaperon, Sylvie (1997), "La deuxième Simone de Beauvoir", in *Questions actuelles au féminisme, Les Temps Modernes*, Avril-Mai 1997, n.º 593, pp. 110-143.
- CIDM (1993), *Estudos sobre as Mulheres em Portugal*, Cadernos da Condição Feminina, n.º 38.
- Cixous, Hélène e Clément, Catherine (1975), *La jeune Née*, Paris, UGE, 10/18.
- Claude-Mathieu, Nicole (org.) (1985), *L'arraisonnement des femmes. Essais en anthropologie des sexes, Cahiers de l'Homme*, série XXIV, E.H.E.S.S., Paris.
- Clement, Grace (1966), *Care, Authonomy and Justice. Feminism and the Ethics of Care*, Westview Press.
- Colaizzi, G. (org.) (1990), *Feminismo y Teoría del Discurso*, Cátedra.
- Collin, Françoise (1986), "Du privé et du public", in *Hannah Arendt, Les Cahiers du Grif*, n.º 33, pp. 47-67.
- Collin, Françoise (1992a), "Praxis de la différence", in *Provenances de la Pensée, Cahiers du Grif, Printemps 92*, pp. 125-141.
- Collin, Françoise (1992b), "Un héritage sans testament", in *Les enfants des femmes, Cahiers du Grif, Complexe*, pp. 145-150.
- Collin, Françoise (1994), "Le temps natal", *Le travail des femmes, Cahiers du Grif, Complexe*, pp. 113-129.

- Collin, Françoise (1995a), "Histoire y memoria o la marca y la huella", in Fina Birulés (ed.), *El género de la memoria*, Pamiela, pp. 155-171.
- Collin, Françoise (1995b), "Diferença e diferendo. A questão das Mulheres na Filosofia", *História das Mulheres*, vol. 5, Afrontamento, pp. 315-349.
- Collin, Françoise (1996), "Do Moderno ao Posmoderno", in *Filosofia e xénero*, Aula Castelao de Filosofía, ed. Gerais de Galícia, pp. 28-43.
- Collin, Françoise (1997), "L'oblio di una vecchia questione filosofica", in F. Collin et Marisa Forcina, *La differenza dei sessi nelle filosofia, nodi teorici e problemi politici*, Millela, pp. 19-46.
- Collin, Françoise (1999), *Je partirais d'un mot. Le champ symbolique*, Fus Art.
- Collin, Françoise (2000), *Le Différend des sexes. De Platon à la parité*, ed. Pleins Feux.
- Collin, Françoise (2000), *Hannah Arendt. L'homme est-il superflu?*, Odile Jacob.
- Collin, Françoise, Pisier, Evelyne et Varikas, Eleni (2000), *Les Femmes de Platon à Derrida, Anthologie critique*, Plon.
- Comunicações ao Colóquio (1986), *Mulheres em Portugal*, organizado pelo Instituto de Ciências Sociais (Fev. 1985), *Análise Social*, vol. XXII, n.º 92-93.
- Conde, Idalina (1996), "Sarah Affonso, mulher (de) artista", *Análise Social*.
- Conde, Idalina (1998), "Artistas e Cientistas: retrato comum", in Costa, A.F. e Viegas, J. M. L. (org.), *Portugal: que modernidade?*, Celta, pp. 165-207.
- Corrêa, Mariza (2000), "Do feminismo aos estudos de género no Brasil: um exemplo pessoal", conferência proferida em 9 Dezembro na Universidade Aberta (polic.).
- Costa, A., Barroso, C., Sarti, C. (1985), "Do limbo ao guetto?", *Cadernos Pesquisa sobre a Mulher no Brasil*, 54.
- Courtine-Denamy, Sylvie (1997), *Trois femmes dans de sombres temps, Édith Stein, Hannah Arendt, Simone Weil*, Albin Michel.
- Cova, Anne (1998), "L'enseignement de l'histoire des femmes dans la Péninsule Ibérique", in Anne-Marie Sohn et Françoise Thélamon (org.), *L'Histoire sans les Femmes est-elle possible?*, Perrin, pp. 313-323.
- Crampe-Casnabet, Michèle (1991), "Saisie dans les Œuvres philosophiques (XVIII^e siècle)", in *Histoire des Femmes en Occident*, vol. 3 (XVI-XVIII^e siècles), Plon, pp. 327-357.
- Crespo, Ana Isabel (2003), *Não aconteceu nada em Hiroshima, Uma abordagem de género na Psicoterapia: uma micro-política...*, Livros Horizonte.
- Cruz, Isabel, e Gomes, Paula B. (org.) (2001), *Mulheres e Desporto, Ex-Æquo*, n.º 4, Celta.
- Cruz, M. Teresa (2000), "Cyborg", in Alves e Barbosa, pp. 130-143.
- Cunha, Paulo Silva e (1999), *O lugar do Corpo. Elementos para uma Cartografia fractal*, Institut. Piaget.
- Darmon, Pierre (1977), *Le mythe de la procréation à l'âge baroque*, J. J. Pauvert.
- Darmon, Pierre (1983), *Mythologie de la femme dans l'Ancienne France*, Seuil.
- Delbée, Anne (1982), *Une femme*, Presses de la Renaissance.
- Deleuze, Gilles (1990), *Pourparlers*, Minuit.
- Deleuze, Gilles et Guattari, Félix (1991), *Qu'est-ce que la philosophie?*, Minuit.
- Deroisin, Sophie (1984), *Petites filles d'autrefois - 1750 1940*, Paris, Epi.
- Derrida, Jacques (1992), "Choréographies", *Points de suspension, Entretiens*, Galilée, pp. 95-115.
- Dreyfus, Hubert et Rabinow, Paul (1984), *Michel Foucault. Un parcours philosophique*, trad. de F. Durand-Bogaert, Paris, Gallimard, Folio-essais.
- Duden, Barbara (1993), *Disembodying Women: Perspectives on Pregnancy and the Unborn*, Harvard Univ. Press.
- Elias, Norbert (1989), *O Processo Civilizacional*, [1939], D. Quixote.
- Fabião, Manuela (2000), *As mulheres cabo-verdianas e o batuque*, dissert. mestrado, Univ. Aberta.
- Farge, Arlette (1984), "Pratique et effets de l'histoire des femmes", in *Une histoire des femmes est-elle possible?*, Rivages, pp. 18-35.
- Fatela, João (1989), *O Sangue e a Rua. Elementos para uma antropologia da violência em Portugal (1926-1946)*, D. Quixote.
- Fernandes, Rogério (1978), *O pensamento pedagógico em Portugal*, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa.

- Ferreira, Ana Monteiro (1998), *Desigualdades de género no actual sistema educativo português. Sua influência no mercado de emprego*, dissert. de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Univ. Aberta.
- Ferreira, Luísa Ribeiro (org.) (1998), *O que os filósofos pensam sobre as mulheres*, ed. Centro de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa.
- Ferreira, Luísa Ribeiro (2001), *Pensar no feminino*, Colibri.
- Ferreira, Luísa Ribeiro (2001), *Também há mulheres filósofas*, Caminho.
- Ferreira, Luísa Ribeiro e Henriques, Fernanda (1999), *Representações sobre o Feminino*, *Ex-Æquo*, n.º 1.
- Ferreira, Luísa Ribeiro e Cardoso, Adelino (2001), *Correspondência entre Descartes e Elisabeth*, Celta.
- Ferreira, Virgínia (1999), "A Reprodução e as novas tecnologias. Da volatilização da maternidade à materialização da paternidade", *Ex-Æquo*, n.º 1, pp. 33-43.
- Ferreira, Virgínia (1999), "Os paradoxos da situação das mulheres em Portugal", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 52/53, Nov 98/Fev 99, *Vinte Anos da Teoria Social*, pp. 199-227.
- Fidalgo, Lurdes A. (2000), *(Re)Construir a Maternidade numa Perspectiva Discursiva*, dissert. de doutoramento, Instituto de C. Biomédicas A. Salazar.
- Flax, Jane (1987), "Postmodernism and Gender. Relations in Feminist Theory", *Signs Journal of Women in Culture and Society*, vol. 12, pp. 621-643.
- Flax, Jane (1995), *Psicoanálisis y feminismo. Pensamientos fragmentarios*, Catedra.
- Foucault, Michel (1966), *Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines*, Gallimard.
- Foucault, Michel (1976), *Histoire de la sexualité. 1. La volonté de savoir*, Gallimard.
- Foucault, Michel (1984), *Histoire de la sexualité. 2. L'usage des plaisirs*, Paris, Gallimard, col. Bibliothèque des Histoires.
- Foucault, Michel (1995), "Nietzsche, a genealogia e a história", in *Microfísica do poder*, ed. Graal, Rio de Janeiro, pp. 15-37.
- Fouque, Antoinette (1995), *Il y a deux sexes. Essais de Féminologie, 1989-1995*, Gallimard.
- Fraisse, Geneviève (1989), *Muse de la Raison – La démocratie exclusive et la différence des sexes*, Alinéa.
- Fraisse, Geneviève (1991), "De la destination au destin. Histoire philosophique de la différence des sexes", in *Histoire des Femmes en Occident*, vol. 4, Plon, pp. 57-85.
- Franco, Francisco Mello (1790), *Tratado de Educação fysica dos meninos para uso da Nação Portuguesa*, Officina da Academia Real das Sciencias.
- Franklin, Sarah (1997), *Embodied Progress. A Cultural Account of Assisted Conception*, Routledge.
- Gagnebin, Jeanne-Marie (1992), "Les joueuses de flûte...", in *Provenances de la Pensée, Cahiers du Griff, Printemps 92*, pp. 21-28.
- Garcia, José Luís (1995), *As Mulheres telefonam às cegonhas*, dissert. de Mestrado, ISCTE.
- Gil, José (1980), *Metamorfoses do Corpo*, A Regra do Jogo.
- Gil, José (1995), "Corpo", *Encicl. Einaudi*, n.º 32, *Soma/Psiche – Corpo*, Imprensa Nacional, pp. 201-266.
- Gil, José (1998), "Serei homem?", *Elipse. Gazeta improvável*, 2, Outono 98, pp. 11-16.
- Gil, José (1999), "Euforia de terror", *Elipse. Gazeta improvável*, 3, Primavera 99, pp. 33-41.
- Gil, Fernando (2000), "Os Inventores do Futuro", in *História*, n.º 22, pp. 20-29.
- Gilligan, C. (1982), *In a Different Voice. Psychological Theory and Women's Development*, Harvard Univ. Press (trad. port. com amputação do título original, *Teoria Psicológica e Desenvolvimento da Mulher*, F. C. Gulbenkian, 1997).
- Goux, Jean-Joseph [1976] (1978), "Diferença sexuada e imaginário da história", in Verdiglione, A. (ed.), *Sexualidade e Poder*, Lisboa, Edições 70, pp. 212-223, trad. de A. J. Pinto Ribeiro.
- Grunnel, Marianne and Kas, Erna (1995), "State of the Art. Modernization and Emancipation from Above: Women's Studies in Portugal" *European Journal of Women's Studies*, vol. 2, pp. 535-545.
- Guerreiro, António (1984), "O Feminino – esse oceano azul", *Jornal de Letras*, 1 Maio 1984, pp. 28-29.

- Guerreiro, António (1998), "O homossexual como pária", *Elipse. Gazeta improvável*, 2, Outubro 98, pp. 18-21.
- Guillaumin, Colette (1992), *Sexe, Race et Pratique du pouvoir. L'idée de Nature*, Côté-Femmes.
- Guinote, Paulo (1997), *Quotidianos femininos (1900-1933)*, 2 vol., ed. ONGCCCCIM.
- Guinote, Paulo (2001), *Quotidiano feminino, 1900-1940*, Arquivo C. M. Lisboa.
- Gusmão, Alexandre de (1685), *Arte de crear bem os filhos na idade da puerícia, dedicada ao Menino de Belém, Jesus Nazareno*, Lisboa, officina de Miguel Deslandes.
- Gusmão, Manuel (2001), *Teatro do Tempo*, Caminho.
- Haraway, Donna (1991), *Simians, Cyborgs and Women. The Reinvention of Nature*, Routledge.
- Haraway, Donna (1993), "O humano numa paisagem pós-humanista", *Estudos Feministas*, n.º 2, pp. 277-292.
- Harding, Sandra (1986), *The Science Question in Feminism*, Cornell Univ. Press.
- Harding, Sandra (1986), "The instability of the analytical categories of Feminist Theory", *Signs*, vol. 11, n.º 4, pp. 645-464.
- Harding, Sandra (1991), *Whose Science? Whose Knowledge?. Thinking from Women's Lives*, Open Univ. Press.
- Heidegger, Martin, [1943], 1968, "De l'essence de la vérité", in *Questions I*, Gallimard.
- Heilborn, M. Luiza e Sorj, Bila (1999), "Estudos de Género no Brasil", *O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)*, *Sociologia*, Vol. VI, ed. Sumaré. ANPOCS, pp. 183-221.
- Hekman, Susan (org.) (1996), *Feminist interpretation of Foucault*, The Pennsylvania State Univ. Press.
- Hirata, Helena (org.) (2000), *Dictionnaire critique du Féminisme*, P.U.F. .
- Hoffmann, Paul (1977), *La femme dans la pensée des Lumières*, Ophris.
- Holland, Nancy (1997), *Feminist interpretation of Derrida*, The Pennsylvania State Univ. Press.
- Hubbard, R., Henifin, M. S. & Fried, B., (org.) (1982), *Biological Woman: the Convenient Myth*, Schenken.
- Hurtig, Marie-Claude, Kail, Michèle, Rouch, Hélène (org.) (1991), *Sexe et genre. De la hiérarchie entre les sexes*, ed. CNRS.
- Irigaray, Luce (1974), *Speculum – de l'autre femme*, Paris, Ed. de Minuit.
- Irigaray, Luce (1977), *Ce sexe que n'en est pas un*, Paris, Ed. de Minuit.
- Irigaray, Luce (1980a), *Amante Marine. De Friedrich Nietzsche*, Paris, Minuit.
- Irigaray, Luce (1980b), *Passions élémentaires*, Paris, Minuit.
- Irigaray, Luce (1984), *L'éthique de la différence sexuelle*, Paris, Ed. de Minuit.
- Irigaray, Luce (1989), *Le Temps de la Différence. Pour une révolution pacifique*, Le Livre de poche.
- Iturra, Raul (1990), *A Construção social do Insucesso escolar, Memória e Aprendizagem em Vila Ruiva*, Escher.
- Iturra, Raul (1997), *O Imaginário das Crianças*, Fim de Século.
- Jaggar, Alison M. e Bordo, Susan R. (org.) (1997), *Género, Corpo, Conhecimento*, Rosa dos Tempos, Rio Janeiro.
- Janeira, Ana Luísa (1967), *O vazio no pensamento de Simone Weil. Ensaio de uma leitura interpretativa*, Porto, ed. Autor.
- Janeira, Ana Luísa (1971), "O problema do uno e do múltiplo no pensamento de Simone Weil", *Rev. Port. de Filosofia*, Braga, n. 27, pp. 28ss.
- Janeira, Ana Luísa (1980), "Conhecer Simone Weil", *Rev. Port. de Filosofia*, Braga, n.º 36, pp. 353-365.
- Joaquim, Teresa (1983), *Dar à luz, ensaio sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto em Portugal*, col. Portugal de perto, Publ. D. Quixote.
- Joaquim, Teresa (1986a), *Mulheres de uma Aldeia*, Ulmeiro.
- Joaquim, Teresa (1986b), "Luce Irigaray: Mulher, Corpo, Pensamento", in *Filosofia*, Soc. Port. de Filosofia, n.º 2, Dez., pp. 185-189.
- Joaquim, Teresa (1987), *Algumas notas sobre investigação / estudos sobre as mulheres*, C. C. F. (polic.).
- Joaquim, Teresa (1988), *Relatório sobre investigação e o ensino feminista e/ou sobre as mulheres em Portugal*, Projecto Europeu GRACE (polic.), C. C. F.

- Guerreiro, António (1998), "O homossexual como pária", *Elipse. Gazeta improvável*, 2, Outono 98, pp. 18-21.
- Guillaumin, Colette (1992), *Sexe, Race et Pratique du pouvoir. L'idée de Nature*, Côté-Femmes.
- Guinote, Paulo (1997), *Quotidianos femininos (1900-1933)*, 2 vol., ed. ONGCCCCICM.
- Guinote, Paulo (2001), *Quotidiano feminino, 1900-1940*, Arquivo C. M. Lisboa.
- Gusmão, Alexandre de (1685), *Arte de crear bem os filhos na idade da puerícia, dedicada ao Menino de Belém, Jesus Nazareno*, Lisboa, officina de Miguel Deslandes.
- Gusmão, Manuel (2001), *Teatro do Tempo*, Caminho.
- Haraway, Donna (1991), *Simians, Cyborgs and Women. The Reinvention of Nature*, Routledge.
- Haraway, Donna (1993), "O humano numa paisagem pós-humanista", *Estudos Feministas*, n.º 2, pp. 277-292.
- Harding, Sandra (1986), *The Science Question in Feminism*, Cornell Univ. Press.
- Harding, Sandra (1986), "The instability of the analytical categories of Feminist Theory", *Signs*, vol. 11, n.º 4, pp. 645-464.
- Harding, Sandra (1991), *Whose Science? Whose Knowledge?. Thinking from Women's Lives*, Open Univ. Press.
- Heidegger, Martin, [1943], 1968, "De l'essence de la vérité", in *Questions I*, Gallimard.
- Heilborn, M. Luiza e Sorj, Bila (1999), "Estudos de Género no Brasil", *O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)*, *Sociologia*, Vol. VI, ed. Sumaré. ANPOCS, pp. 183-221.
- Hekman, Susan (org.) (1996), *Feminist interpretation of Foucault*, The Pennsylvania State Univ. Press.
- Hirata, Helena (org.) (2000), *Dictionnaire critique du Féminisme*, P.U.F. .
- Hoffmann, Paul (1977), *La femme dans la pensée des Lumières*, Ophris.
- Holland, Nancy (1997), *Feminist interpretation of Derrida*, The Pennsylvania State Univ. Press.
- Hubbard, R., Henifin, M. S. & Fried, B., (org.) (1982), *Biological Woman: the Convenient Myth*, Schenken.
- Hurtig, Marie-Claude, Kail, Michèle, Rouch, Hélène (org.) (1991), *Sexe et genre. De la hiérarchie entre les sexes*, ed. CNRS.
- Irigaray, Luce (1974), *Speculum - de l'autre femme*, Paris, Ed. de Minuit.
- Irigaray, Luce (1977), *Ce sexe que n'en est pas un*, Paris, Ed. de Minuit.
- Irigaray, Luce (1980a), *Amante Marine. De Friedrich Nietzsche*, Paris, Minuit.
- Irigaray, Luce (1980b), *Passions élémentaires*, Paris, Minuit.
- Irigaray, Luce (1984), *L'éthique de la différence sexuelle*, Paris, Ed. de Minuit.
- Irigaray, Luce (1989), *Le Temps de la Différence. Pour une révolution pacifique*, Le Livre de poche.
- Iturra, Raul (1990), *A Construção social do Insucesso escolar, Memória e Aprendizagem em Vila Ruiva*, Escher.
- Iturra, Raul (1997), *O Imaginário das Crianças, Fim de Século*.
- Jaggar, Alison M. e Bordo, Susan R. (org.) (1997), *Género, Corpo, Conhecimento*, Rosa dos Tempos, Rio Janeiro.
- Janeira, Ana Luísa (1967), *O vazio no pensamento de Simone Weil. Ensaio de uma leitura interpretativa*, Porto, ed. Autor.
- Janeira, Ana Luísa (1971), "O problema do uno e do múltiplo no pensamento de Simone Weil", *Rev. Port. de Filosofia*, Braga, n. 27, pp. 28ss.
- Janeira, Ana Luísa (1980), "Conhecer Simone Weil", *Rev. Port. de Filosofia*, Braga, n.º 36, pp. 353-365.
- Joaquim, Teresa (1983), *Dar à luz, ensaio sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto em Portugal*, col. Portugal de perto, Publ. D. Quixote.
- Joaquim, Teresa (1986a), *Mulheres de uma Aldeia*, Ulmeiro.
- Joaquim, Teresa (1986b), "Luce Irigaray: Mulher, Corpo, Pensamento", in *Filosofia*, Soc. Port. de Filosofia, n.º 2, Dez., pp. 185-189.
- Joaquim, Teresa (1987), *Algumas notas sobre investigação / estudos sobre as mulheres*, C. C. F. (polic.).
- Joaquim, Teresa (1988), *Relatório sobre investigação e o ensino feminista e/ou sobre as mulheres em Portugal, Projecto Europeu GRACE* (polic.), C. C. F.

- Joaquim, Teresa (1989), "Note introductive sur la Constitution et les buts de la Commission de la Condition Féminine au Portugal", in Rabissi, A. e Perucci, M. B. (org.), *Perle-parole – Le iniziative a favore dell'informazione e della documentazione delle donne europee*, Cooperativa Utopia, pp. 131-139.
- Joaquim, Teresa (1991), *Notas sobre os estudos sobre as mulheres em Portugal*, C. C. F. (polic.).
- Joaquim, Teresa (1992), "Études sur les Femmes au Portugal", *Women's Studies – Feminization the Academy*, GRACE, Março.
- Joaquim, Teresa (1997), *Menina e Moça, A Construção Social da Feminilidade, séc. XVII-XIX*, Fim de Século.
- Joaquim, Teresa (1998), "Recensão" de Tubert, Silvia (1996), *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 50, Fev., pp. 184-187.
- Joaquim, Teresa (1999a), "Criação de humanos e/ou de conceitos. A questão da maternidade n'O segundo sexo", in Mariza Corrêa (org.), *Cadernos Pagu. Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX*, ed. Pagu, Unicamp, pp. 165-202.
- Joaquim, Teresa (1999b), "Panorama Geral da Situação das Mulheres em Portugal nos últimos 25 anos", in *A Saúde da Mulher*, Dir. Geral de Saúde, Min. da Saúde, pp. 165-202.
- Joaquim, Teresa (2000), "Saúde das Mulheres: cuidar dos outros, cuidar de si", in *Ex-æquo*, n.º 2-3, Fev., pp. 191-204.
- Joaquim, Teresa (2001), "A (im)possibilidade de ser filósofa", in Ferreira, L. R. (org.), *Também há mulheres filósofas*, Caminho, pp. 17-40.
- Joaquim, Teresa, "O(s) Corpo(s) feminino(s) na Cultura Ocidental. Uma Antropologia do Corpo e uma Teoria do Conhecimento", comunicação ao *Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia*, em Novembro de 1999 [em curso de publicação].
- Joaquim, Teresa, "Participação cívica e política: a Questão dos Direitos Reprodutivos" ao Colóquio Internacional *Em busca da História das Mulheres Portuguesas*, organizada pela APIHM, 16-18 de Maio 2001 [em curso de publicação].
- Joaquim, Teresa e Belo, Fernando (1984), "Feminino sem mulher?" (polémica com António Guerreiro, 1984), *Jornal de Letras*, 3 de Julho de 1984.
- Knibiehler, Yvonne (1997), *La révolution maternelle. Femmes, maternité, citoyenneté depuis 1945*, Perrin.
- Knibiehler, Yvonne et Fouquet, Catherine, 1983, *La femme et les médecins*, Paris, Hachette.
- Kofman, Sarah (1980), *L'énigme de la femme. La femme dans les textes de Freud*, Galilée.
- Kofman, Sarah (1992), "La question des femmes", in *Provenances de la Pensée, Cahiers du Griff, Printemps 92*, pp. 65-74.
- Laqueur, Thomas (1992), *La fabrique du sexe. Essai sur le corps et le genre en Occident*, trad. M. Gautier, Gallimard (orig. americano 1990).
- Le Dœuff, Michèle (1989), *L'étude et le rouet. 1. Des femmes, de la philosophie, etc.*, Seuil.
- Le Dœuff, Michèle (2000), "Pas toutes les mêmes", in *De la différence des sexes entre les femmes*, Forum Diderot, P.U.F., pp. 81-91.
- Lock, Margaret (1993a), *Encounters with Aging: Mythologies of Menopause in Japan and North America*, Univ. of California Press.
- Lock, Margaret (1993b), "Cultivating the body: Anthropology and Epistemology of bodily practice and knowledge", *Annual Review of Anthropology*, n.º 22, pp. 133-155.
- Locke, John [1776?] (1984), *De l'éducation des enfants*, Amsterdam, Chez La Veuve Mertens Libraire.
- Lopes, Eliane Marta Teixeira (1990), "Histoire des Femmes: uma revisão bibliográfica", *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16(2): Jul-Dez., pp. 23-32.
- Lourenço, Nelson, Lisboa, Manuel e Pais, Elza (1997), *Violência contra as Mulheres*, CIDM.
- Machado, José Pedro (1967), *Dicionário Etimológico Português*, 3 vol.
- Magalhães, Maria José (1998), *Movimento Feminista e Educação, Portugal, Décadas de 70 e 80*, Celta.
- Marques, Leonilde (1999), *Doutoramentos e Mestrados nas Universidades Portuguesas de 1975 a 1998. Estudos sobre as Mulheres/Estudos no Feminino*, CIDM (polic.).
- Martino, Giulio y Bruzzese, Marina (1996), *Las filósofas. Las mujeres protagonistas en la historia del pensamiento, com apêndice de Puleo, Alicia, "Pensadoras españolas"*, Cátedra.

- Mathieu, Nicole-Claude (ed.) (1985a), *L'arraisonnement des femmes. Essais en anthropologie des sexes, Cahiers de l'Homme, XXIV*, Paris, ed. E.H.E.S.S.
- Mathieu, Nicole-Claude (1985b), "Présentation. Femmes, Matière à penser... et à reproduire", in Mathieu, Nicole-Claude (ed.), 1985, pp. 5-16.
- Mattoso, José (1982), "Problemas sobre a estrutura da Família na Idade Média" in *Bracara Augusta*, n.º 81-82.
- Mauss, Marcel [1950] (1985), *Sociologie et Anthropologie*, P.U.F.
- Mead, Margaret, [1928], 1982, *Moeurs et sexualité en Océanie*, Plon.
- Mead, Margaret (1970), *O homem e a mulher: um estudo do sexo num mundo em transformação*, trad. de Lisboa, Editora Meridiano (ed. orig. americana de 1948).
- Molder, Filomena (1995-1996), "Os sonhos da eterna insomne", *Helena Almeida, Dramatis persona. Variações e fugas sobre um corpo*, Catálogo Serralves.
- Monteiro, Fátima (1999), *As Mulheres Agredidas pelos Maridos: de vítimas a sobreviventes*, ONGCCCDIM.
- Montreynaud, Florence (1999), *Le XX^e siècle des Femmes*, Nathan.
- Muraro, Luísa (1991), *L'ordine simbolico della madre*, ed. Riuniti.
- Nogueira, Conceição (1996), *Um novo olhar sobre as relações sociais de Género. Perspectiva feminista crítica na Psicologia Social*, dissert. de doutoramento, Univ. Minho.
- Nunes, Etelvina Lopes (1984), "A condição feminina em Emmanuel Lévinas", *Brotéria*, n.º 119, pp. 39-51.
- O'Neill, Brian Juan (1984), *Proprietários, Lavradores e Jornaleiras. Desigualdade Social numa Aldeia Transmontana, 1870-1978*, col. Portugal de Perto, D. Quixote.
- Oudshoorn, Nelly (1994), *Beyond the natural body – an archeology of sex hormones*, London, Routledge.
- Oudshoorn, Nelly (1998), "Hormones, techniques et corps – L'archéologie des hormones sexuelles (1923-1940)", *Annales, EHESS*, n.º 4-5, pp. 775-793.
- Pais, Elza (1998), *Homicídio Conjugal em Portugal. Rupturas violentas de conjugalidade*, Hugin.
- Perrot, Michelle (1984), *Une histoire des femmes est-elle possible?*, Rivages.
- Pinto, José M. da Silva (1991), *Violência e Prostituição*, dissert. mestrado em Sociologia.
- Pomata, Gianna (1993), "Histoire des Femmes, Histoire du Genre, Observations sur le Moyen âge et l'Époque Moderne dans L'Histoire des Femmes en Occident", in Georges Duby, Michelle Perrot, *Femmes et Histoire, La Sorbonne, 13-14 Novembre 1992*, Plon, pp. 25-37.
- Porto, Nuno (1991), *O Corpo, a Razão, o Coração. A Construção Social da Sexualidade em Vila Ruiva*, Escher.
- Prado Coelho, Eduardo (1998), "A nudez dos teus conceitos", *Público-Leituras*, 7/2/98.
- Ramalho, Irene (1995), *Rapport national: Formation et Éducation en Europe. Études Féministes et/ou sur les Femmes au Portugal*, Relatório Sigma (polic.).
- Ramalho, Irene e Ribeiro, Sousa (1998-99), "Dos Estudos literários aos estudos culturais", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 52/53, Nov 98 / Fev 99, *Vinte Anos da Teoria Social*, pp. 61-83.
- Rancière, Jacques (1997), "Linoubliable", in J.-L. Comolli et J. Rancière, *arrêt sur histoire*, ed. Centre G. Pompidou.
- Raposo, Paulo (1991), *Corpos, Arados e Romarias. Entre a Fé e a Razão em Vila Ruiva*, Escher.
- Ribeiro, António Pinto (1998), *Corpo a corpo – Possibilidades e limites da crítica*, Cosmos.
- Rich, Adrienne (1980), *Naître d'une femme. La maternité en tant qu'expérience et institution*, Denoël/Gonthier.
- Rousseau, Jean-Jacques [1762] 1978, *Emile ou de l'Éducation*, Editions Sociales.
- Ruddick, Sarah (1989), *Maternal Thinking: Towards a Politics of Peace*, Beacon Press.
- Sanches, António Ribeiro [1760] (s/ d.), *Cartas sobre a educação da mocidade*, Editorial Barreira, Porto.
- Santos, Boaventura Sousa (1991), "Ciência", in Carrilho, M. M., *Dicionário do Pensamento Contemporâneo*, D. Quixote, pp. 23-44.
- Schneider, Monique (1979), *De l'exorcisme à la psychanalyse – le féminin ex-purgé*, Retz.
- Scott, J. W. (1988), "Gender: a useful category of historical analysis", in *Gender and the Politics of History*, Columbia Univ. Press.

- Silva, Luísa Ferreira da (1995), *Entre marido e mulher alguém meta a colher*, À Bolina, Celorico de Basto.
- Silva, Regina T. da (1999), *A Mulher. Bibliografia portuguesa anotada (1518-1998)*, Cosmos.
- Sissa, Giulia (1991), "Philosophies du genre. Platon, Aristote et la différence des sexes", in P. Schmitt Pantel (org.), *Histoire des Femmes en Occident, vol. 1 (L'Antiquité)*, Plon, pp. 65-99.
- Sissa, Giulia (1992), "Membres à fantômes – À propos d'un ouvrage de Thomas Laqueur", *Terrain, n.º 18, Le corps en morceaux*, Min. de la Culture et de la Communication, Mars, pp. 80-86.
- Sissa, Giulia (2000), *L'âme est un corps de femme*, Odile Jacob.
- Soares, M.ª da Conceição M. (1996), *A alteridade e o feminino em Emmanuel Lévinas*, dissert. de mestrado, Fac. Letras de Lisboa.
- Stanley, L. (org.) (1997), *Knowing Feminisms, On Academic Borders, Territories and Tribes*, Sage Publication.
- Strathern, Marilyn (1992), *Reproducing the future: anthropology, kinship and the new reproductive technologie*, Routledge.
- Strathern, Marilyn (1995), "Necessidade de pais, necessidade de mães", *Estudos feministas*, vol. 3, n.º 2, pp. 303-329.
- Tavares, Manuela (2000), *Movimentos de Mulheres em Portugal, Décadas de 70 e 80*, Livros Horizonte.
- Thomas, A. Leonard (1771), *Essai sur le caractère, les mœurs et l'esprit des femmes dans les différents siècles*, Paris, Chez Moutard.
- Thomas, Yan (1991), "La division des sexes en droit romain", in P. Schmitt Pantel (ed.), *Histoire des Femmes en Occident, vol. 1, (L'Antiquité)*, Plon, pp. 103-156.
- Toldy, T. M. (1998), *Deus e a Palavra de Deus na Teologia Feminista*, ed. Paulistas.
- Tong, Rosemarie (1994), *Feminist Approaches to Bioethics. Theo-retical Reflections and Practical Applications*, Westview Press.
- Torresão, Guiomar (1892), *As batalhas da vida*, Lisboa, Liv. de Ant. M. Pereira.
- Verdier, Yvonne (1979), *Façons de dire, façons de faire – la laveuse, la couturière, la cuisinière*, Gallimard.
- Tubert, Silvia (1996), *Mulheres sem sombra. Maternidade e Novas tecnologias da reprodução*, Rosa dos Tempos, R. J.
- Valcárcel, Amelia (1994), *Sexo y filosofía. Sobre 'mujer' y 'poder'*, Anthropos.
- Vaquinhas, Irene (2000), *'Senhoras e Mulheres' na Sociedade portuguesa do século XIX*, Colibri.
- Verney, Luís António [1746¹] (1953), *Verdadeiro Método de Estudar*, Sá da Costa.
- Waithe, M. E. (org.) (1987), *A History of Women Philosophers*, Kewer Academic, 4 vol.
- Weeks, Jeffrey (1989²), *Sex, Politics and Society. The regulation of sexuality since 1800*, London and New York, Longman.
- Woolf, Naomi (1994), *O Mito da Beleza*, Círculo de Leitores.
- Young-Bruehl, Elisabeth (1991), "Les histoires de Hannah Arendt," in *Hannah Arendt, Les Cahiers du Grif*, n.º 33, pp. 37-42.

NOTA DA PUBLICAÇÃO DOS ARTIGOS

- “A Comunidade Infigurável. As Causas das Mulheres”, Conferência pronunciada no Palácio da Ajuda na sessão comemorativa do Dia Internacional da Mulher de 2000
- Feiticeiras..., “Sobre a loucura no feminino e a feitiçaria”, revista *Fenda*, número especial *Da Loucura*, Maio de 1982
- “A Restante Vida” (sobre Maria Gabriela Llansol), Revista *Plural*, n.º 3, Dezembro, 1983
- “A Causa Amante”: a outra face, *Diário de Notícias / Cultura*, 24 de Maio de 1984
- “Camille Claudel”, *Diário de Notícias/Mulher*, 10 de Abril de 1985
- “Feminino sem mulher?” (polémica com António Guerreiro) com Fernando Belo, *Jornal de Letras*, 3 de Julho de 1984
- “Luce Irigaray: Mulher, Corpo, Pensamento” in *Filosofia*, Soc. Port. de Filosofia, n.º 2, Dez., pp. 185-189
- Menina e Moça*, in M. B. Nizza da Silva e A. Cova (org.), *Estudos sobre as Mulheres*, ed. Univ. Aberta, 1998, pp. 99-111
- Menina e Moça*. Como se fabrica um texto, *Actas do Colóquio Estudos sobre as Mulheres*, Cadernos da Condição Feminina, n.º 38, 1993
- “A (im)possibilidade de ser filósofa”, comunicação ao *Colóquio Filosofia no Feminino*, Faculdade de Letras de Lisboa, 26-27 Novembro de 1998, in Ferreira, L. R. (org.), *Também há mulheres filósofas*, Caminho, 2001, pp. 17-40
- “Criação de humanos e/ou de conceitos. A questão da maternidade no *Segundo Sexo*”, in Mariza Corrêa (org.), *Cadernos Pagu. Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX*, ed. Pagu, Unicamp, 1999, pp. 165-202
- “Os Estudos sobre as Mulheres em Filosofia”, in *Ex-æquo*, n.º 5, *A Construção dos Estudos sobre as Mulheres em Portugal*, 2001, pp. 69-106